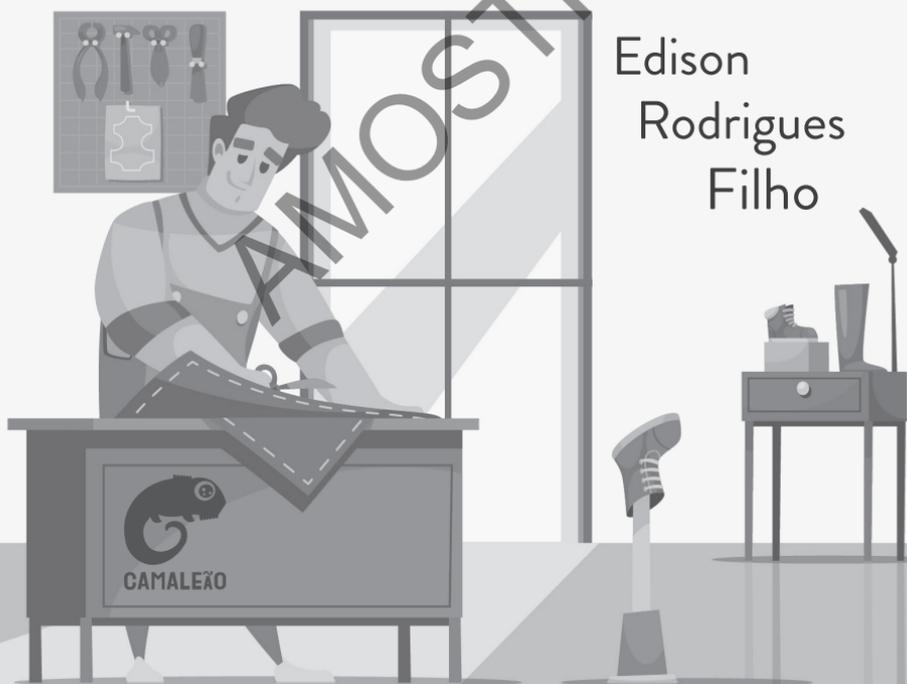


A ÚLTIMA SAPATARIA DO BAIRRO

Edison
Rodrigues
Filho



A ÚLTIMA SAPATARIA DO BAIRRO

Romance juvenil

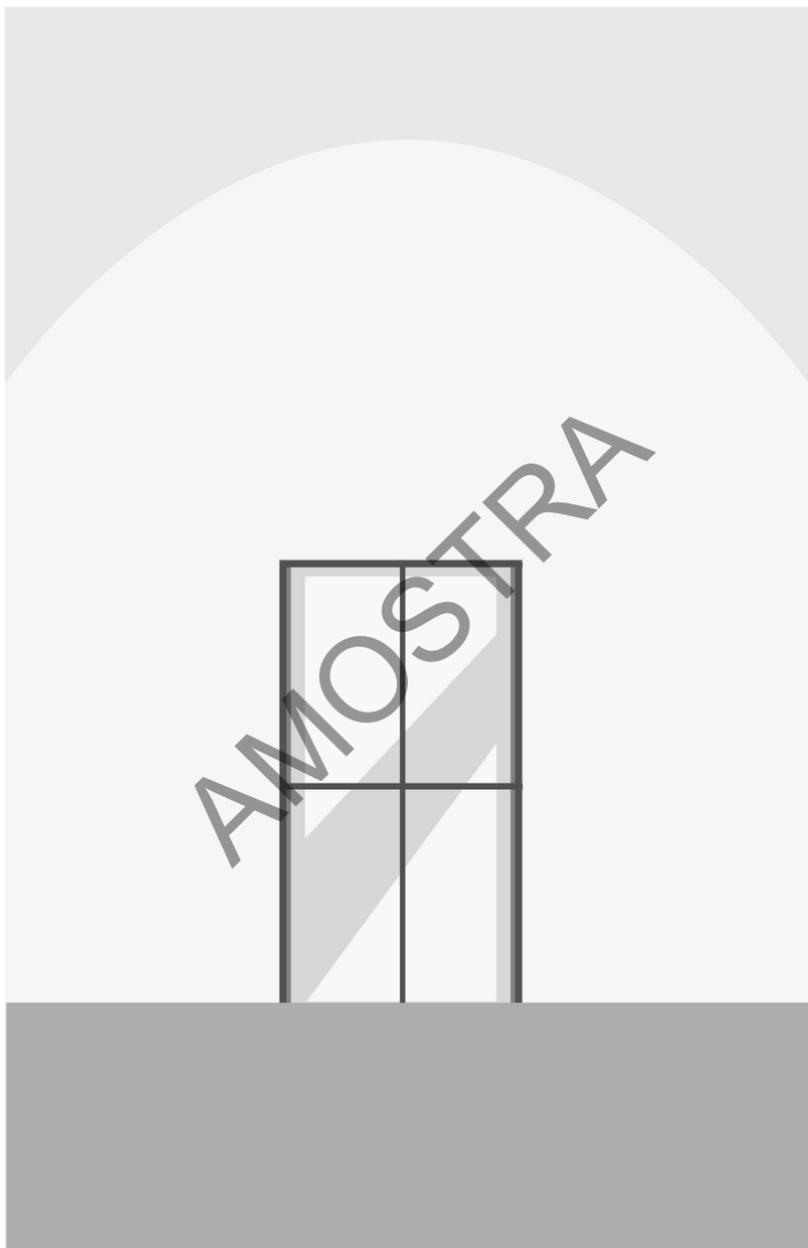
Edison Rodrigues Filho



CAMALEÃO

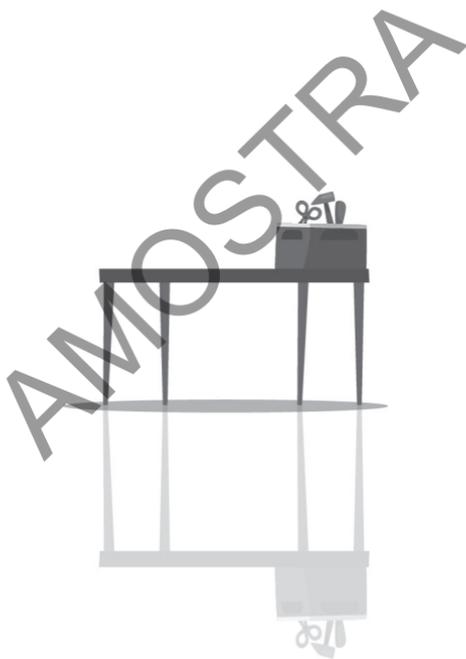
Rio de Janeiro, 2025

AMOSTRA



SUMÁRIO

A personalidade das coisas	7
Do salto ao tênis	13
Hematomas e saltos quebrados	29
Beijo no gramado	35
Nomes na taça	45
Memórias e quatro queijos	51
Razões do coração	57
Tipo zero	63
Uma pessoa maravilhosa	69
A última sapataria do bairro	75



A PERSONALIDADE DAS COISAS

Não me agradava muito ter de sempre passar as férias com tio Nelson. Eu achava aquilo meio chato, vê-lo trabalhar desde manhã até a noite e, mesmo assim, aquele ar de decrepitude manter-se permanentemente. Ao voltar, via mais e mais calçados empilhados nas prateleiras, como um cemitério de sapatos, bolsas e acessórios abandonados. Era assim a cada temporada, eu me via obrigado a empregar meu tempo livre preso naquela sapataria em meio a cheiros nauseantes de graxa, tinta e benzina da cola que tio Nelson lambuzava nas solas daqueles zumbis de couro e camurça.

Pior era enfrentar o olhar severo do meu pai ao mínimo esboço de rebeldia de minha parte. Bastava o major Martins dizer “Da-ni-el!” para eu obedecer. Aquele olhar atravessava minha alma, causava-me calafrios, como se eu estivesse a ponto de cometer uma insubordinação, algo inaceitável: descumprir a ordem superior de um militar que não tinha como ficar comigo por mais de um fim de semana, sempre às voltas com uma missão designada pelos superiores dos quais eu só ouvia falar, mas nunca via.

Sobre minha mãe, eu sabia pouco: o nome, Amanda, e que morrera no meu parto, nada mais; nunca me mostraram sequer uma foto dela, pelo menos eu não lembrava. Só podia ser essa a razão daquele gelo no olhar de meu pai.

Apesar de a culpa não ser minha, isso ficava claro sem ele ter de pronunciar uma só palavra: “Se não fosse você, Daniel, seríamos uma família como qualquer outra”. Eu não precisaria estudar num internato e poderia ficar em casa nas férias, e não com o irmão mais velho dele.

Bastava chegar o meio ou o final do ano, e lá ia eu para a casa do tio Nelson. Aos poucos, isso acabou se tornando um alívio, afinal, melhor aquele cheiro forte do que calafrios.

— Dan, você veio! — ele exclamava feliz ao me ver, como se minha chegada fosse alguma surpresa. Mas, ao contrário do major Martins, tio Nelson era afetuoso, gostava da minha companhia, talvez porque não tivesse de viajar ou obedecer a ordens de ninguém, nem cumprir missões inadiáveis. Tio Nelson nunca se casou ou teve filhos, na certa isso fazia dele, ao contrário do meu pai, uma pessoa mais leve e descontraída por não correr o risco de perder quem mais ele amasse na vida. Cara divertido, tinha sempre uma piada nova na ponta da língua para quebrar a monotonia de seu trabalho árduo.

Além do amargurado e sisudo major Martins, o meu tio, solteirão por convicção e sapateiro de profissão, era a única pessoa da família que eu conhecia. Sua oficina ficava no térreo de um sobrado, lugar cheio de coisas, uma verdadeira confusão, mas não para ele, conhecedor do exato local de cada objeto, principalmente os pares de sapatos consertados e mantidos em sua organização aparentemente caótica – todos com um pedaço de papel colado à sola como uma cédula de identidade numerada e individual. Assim, ele podia identificar o dono de cada calçado, outra nova em folha e que, pela ação de suas mãos experientes e habilidosas, voltava aos seus melhores dias.

Para tio Nelson, a tarefa de um sapateiro se fazia mais relevante do que apenas remendar, costurar e dar acabamento àquelas velhas peças. Ele tinha como sua a missão de restaurar a *personalidade* das pessoas e também suas esperanças. Ao adquirir um par de calçados numa loja, elas adotavam um objeto confeccionado à mão ou em máquinas manipuladas por desconhecidos e, dado algum motivo, forma, cor, material ou mesmo o preço na etiqueta, decidiam levá-lo para casa, tendo enfiado seus pés nele tão somente uma vez. Quando começavam a usar os tais sapatos novos, era comum eles incomodarem um pouco e até mesmo machucarem. Segundo tio Nelson, isso acontecia porque o calçado ainda não havia absorvido a personalidade da pessoa. Só com o tempo e com o uso é que ele se moldaria ao pé de seu dono, aceitaria seu jeito de pisar, conheceria o caminho que ele costumava trilhar e, assim, ajustar-se-ia ao seu modo de ser. Os calçados, então, entravam em sintonia com seus donos e com eles se uniam para encarar a vida pela frente.

Ao trazê-los para a sapataria, o cliente desejava não somente um reparo, esperava restabelecer essa sintonia e confiança. Tio Nelson reconhecia: os costumes e a relação entre as pessoas e seus calçados se alteraram com o passar do tempo.

No passado, os sapatos duravam uma vida inteira, assim como as roupas, os acessórios e principalmente os chapéus. Sim, as pessoas não saíam às ruas vestidas de qualquer jeito, elas usavam chapéus – os homens, de terno e gravata, com lenços aparentes no bolso do paletó combinando com a camisa ou com a gravata, e as mulheres, de vestidos longos, indo até os tornozelos – sob sol ou debaixo de chuva, a elegância era, como se dizia, a tônica.

Tio Nelson trabalhou na fábrica Cosmos de calçados e acessórios antes de começar seu ofício de sapateiro. Era a segunda metade do século XX, entre os anos de 1970 e 1980, e teve de se adaptar às mudanças. Os calçados, que antes tinham qualidade para durar uma vida, logo precisavam ser reparados para ganhar uma sobrevida. De fato, mais pessoas passaram a acorrer à sua oficina para recuperar peças sem personalidade e de qualidade inferior. Efeito imediato de oferecer um modelo novo a cada curto período em vez de um produto durável, desemperrando o giro da roda do consumo, a mola propulsora do progresso.

Ao trazerem seus calçados à sapataria, as pessoas queriam dar a eles o mesmo viço de quando estavam na loja e a um preço baixo, compatível com o que fora pago na primeira vez. Isso reduziu o valor dos serviços de reparo, ou não valeria a pena consertar algo que, afinal, não era feito para durar uma vida. Nem os materiais, ferramentas e máquinas podiam ser custeados pelo valor a ser cobrado pelo tio Nelson, e as coisas foram ficando difíceis para os sapateiros. Muitos clientes sequer voltavam para buscar suas encomendas, já tinham armários abarrotados de sapatos ou foram seduzidos numa liquidação de modelos novos e baratos.

Essa história se repetiu em outros ramos profissionais, efeito em cascata do que veio chamar-se de obsolescência programada – quando a indústria lança diferentes versões de produtos com uma vida útil reduzida para fazer os consumidores descartarem os antigos e duráveis.

Tio Nelson, como todo mundo, não tinha resposta para tudo. Ele não sabia como construir a personalidade das coisas que não existiriam mais num piscar de olhos. Ele se referia à ansiedade pelo novo, uma compulsão que tornava

meros atributos supérfluos mais importantes do que a essência. Sem dúvida, inovações e avanços trazem melhorias reais e valem o preço a ser pago: basta comparar a nitidez da imagem de um televisor antigo de tubo de raios catódicos com a dos televisores digitais de alta definição de agora, mas, em muitos outros casos, um detalhe não compensa o que não muda a sua função principal.

Tio Nelson tinha um carro fabricado havia décadas, e, na sua forma de ver, um painel diferente ou uma lanterna nova não o convenceria a pagar o preço de um modelo zero quilômetro. Para ele, um carro era para levar você de um lugar a outro. Segundo sua teoria, a personalidade dele estava impregnada naquele veículo que funcionava perfeitamente, e todos os apelos da propaganda não o fariam desfazer-se de seu amado e velho carro.

Tudo podia ser entendido muito bem com suas explicações didáticas, históricas e econômicas a respeito do declínio de sapatarias, alfaiatarias, camiseiros, relojoeiros, mas, puxa vida, aquilo era a sua vida, seu sustento, seu modo de interagir com o mundo e as pessoas. Todos têm esse modo particular de ser e agir, e é disso que o mundo precisa para ser melhor, dessa diversidade. Tio Nelson lidava com aquilo como se fosse algo passageiro, uma febre, uma dor de barriga, uma confusão de momento. Só que não! Era o seu futuro ali, empatado em promessas de pagamento que não se cumpriam, além de incontáveis horas de trabalho sem remuneração.

Nesse aspecto, somos bem diferentes: sou da ação, do fazer acontecer, não fico parado vendo o navio naufragar, a tragédia anunciada se consumir. Tenho algo que todos, em alguma medida, têm: ideias e iniciativa.



DO SALTO AO TÊNIS

Não é preciso muita imaginação para vislumbrar as histórias que tio Nelson contava sobre os primórdios dessa que foi a segunda indumentária criada pelo ser humano. Evidentemente, em função do clima frio de algumas regiões, a roupa feita de peles de animais deve ter sido a primeira proteção do corpo, mas nem todos os lugares são assim, tão gelados; as regiões temperadas e tropicais têm períodos de clima ameno em boa parte do ano. A questão em qualquer lugar era o solo. O piso se constituía em um obstáculo. Imagine andar descalço sobre pedras pontiagudas, areias escaldantes, pisar em espinhos ou em animais peçonhentos como cobras, aranhas e escorpiões, desbravar diversos tipos de solos inclementes e desconhecidos? Calçar-se, além de proteção, foi uma necessidade, deu agilidade e segurança para os homens pré-históricos cujo meio de vida dependia da caça e da coleta. Segundo tio Nelson, há sapatos nos pés das figuras humanas pintadas nas paredes de cavernas, as pinturas rupestres, algumas remontam ao período Paleolítico, cerca de 10 mil anos a.C. É possível afirmar: os seres humanos já usavam sapatos há 40 mil anos.

Os materiais disponíveis nos locais foram os usados em sua confecção – casca de árvore, folhas grandes, madeira e

tudo o mais resistente e moldável à anatomia dos pés. No Antigo Egito, surgiram sapatos de palha, papiro e fibra de palmeira enfeitados com fios de ouro, e não era qualquer um que podia usá-los, apenas os nobres e os faraós.

As sociedades sempre se dividiram em classes, e se calçar foi a primeira diferenciação entre iguais, os pretensamente diferentes. Escravos sempre andaram descalços, já os privilegiados, calçados. Nas civilizações grega e romana, os sapatos passaram a identificar com mais clareza esse status. A princípio, os modelos eram iguais, tanto para o pé direito como para o esquerdo. Os gregos, além de tantas contribuições para a humanidade, foram os primeiros a confeccionarem modelos específicos para cada pé. Na Roma Antiga, as autoridades também se diferenciavam pelo que vestiam seus pés – os cônsules usavam calçados brancos; os senadores, marrons; e os soldados das temidas legiões de gladiadores ostentavam orgulhosos suas botas de cano curto.

As botas, por terem sido adaptadas para a segurança dos trabalhadores, representam o jeito masculino de ser e, a partir do surgimento das fábricas, durante a Revolução Industrial, no século XIX, elas se definiram como indumentária forte, resistente, do tipo que serve para toda obra. O público feminino também passou a fazer uso delas, com modelos que variam em estilo, altura, tamanho dos saltos e cores.

O calçado mais conhecido, quem diria, é o chinelo – criado há 4,3 mil anos, era inicialmente mais pesado, como um modelo de tamanco, e servia para pisar nos peixes que encalhavam na beira dos rios. Poucos sabem que eles calçaram os personagens bíblicos, os gregos e os romanos. Certamente, o conforto e a praticidade deles explicam essa

preferência secular. Hoje existem muitas variações – com pedras decorativas, strass, miçangas, tecidos, tiras grossas de couro trançadas, coloridas ou estampadas.

Usar qualquer um desses modelos é fazer parte de uma longa história.

A sapataria funcionava mais como uma espécie de museu. Tio Nelson tinha praticamente um modelo de cada tipo de calçado para mostrar. Eu dizia ter entendido tudo, mas na verdade bastava sua ênfase para me convencer e, claro, alguns trocados para fazer pequenas tarefas. Muitas vezes, entreguei encomendas em domicílio. Eu conhecia melhor as ruas do bairro da sapataria do que as de onde ficava a minha própria casa, não muito longe dali. Digo isso porque a casa onde eu morava quase sempre permanecia vazia ou mergulhada em um ensurdecido silêncio, daqueles de ouvir as próprias batidas do coração. Meu pai estava invariavelmente ausente, parecia que lá só viviam fantasmas. Vida e fantasma é um tipo de contradição, mas existem outras e, com o tempo, a gente acaba aprendendo muitas. Minha rotina não passava disso, do internato para a sapataria e vice-versa. Quando presente, o major Martins pouco conversava, estava sempre ocupado com suas tarefas, vez ou outra dedilhava melodias melancólicas em seu violão ou cuidava dos seus apetrechos militares – montando e desmontando armas, polindo medalhas, escovando o uniforme ou escrevendo intermináveis relatórios. Para ele, bastavam minhas notas na escola serem impecáveis como sua farda para tudo ficar em paz, e eu, obediente à hierarquia, claro, ficava na companhia de seu irmão mais velho nos feriados prolongados e nas férias escolares.

Houve um verão em que percebi tio Nelson abatido, quieto, cabisbaixo. Ele estava cedendo aos muitos anos

de trabalho e, principalmente, às dificuldades financeiras, maiores a cada temporada, assim como a pilha de calçados abandonados nas prateleiras. Apesar de nunca reclamar disso, parecia-me nítido que aquele estabelecimento ia de mal a pior. Eu queria fazer alguma coisa para reverter a situação. Mas o que um menino de 14 anos, sem experiência nenhuma em calçados ou administração de negócios, poderia fazer? Minha preocupação aumentou quando tio Nelson passou uma noite inteira tossindo. Era uma tosse seca, curta e constante. Na manhã seguinte, não o deixei levantar da cama. Sua temperatura estava alta, o aspecto nada bom, pálido, mortiço. Diante daquele quadro, prontifiquei-me a abrir a sapataria e a atender os clientes se eles aparecessem.

Foi um sábado quente, úmido, não apareceu ninguém, nem para trazer serviço, muito menos para retirar os prometidos havia dias ou meses. Pude bisbilhotar à vontade a oficina e encontrei uma gaveta cheia de bloquinhos de papel, os canhotos, as tais identidades apontando a data dos consertos, os clientes, seus endereços e contatos. Aqueles valores, somados, embora fossem de pequenos montantes, resolveriam boa parte dos problemas que faziam meu tio adoecer. Olhando para aquela quantidade interminável, tive uma dessas ideias que precisam de muita iniciativa e que todos podem ter: e se, em vez de esperar as pessoas virem retirar seus objetos esquecidos, eu mesmo os lembrasse, levando-os até eles? Cobraria pelos serviços realizados por tio Nelson sem a taxa de entrega. Alguns estavam havia muito nas prateleiras, precisavam de uma boa escovada para ficarem apresentáveis – aí estava a parte da iniciativa. Numa tarde de trabalho, eu daria conta.

Fechei a sapataria mais cedo, lá pelas 13 horas. Almoçamos e depois o levei de volta para a cama. Internei-me na

oficina e pus mãos à obra, espanando, escovando e lustrando velhos pares de calçados, bolsas com presilhas e fechos novos, cintos com fivelas e furos refeitos, uma infinidade de objetos e suas etiquetas de identidade. Na segunda-feira, eu começaria a resgatar a fortuna acumulada naquelas prateleiras.

O domingo foi de descanso para nós dois, com direito a muita pipoca e filmes retirados na locadora de vídeos – um negócio fadado a desaparecer ainda mais rápido do que as sapatarias. Isso por causa da pirataria, a venda de cópias sem permissão ou sem pagamento de direitos autorais aos estúdios de filmagem. As fitas, e mais tarde os DVDs, podiam ser encontrados em qualquer esquina da cidade pela fração do valor de uma locação e, mais tarde, graças à internet, em arquivos de vídeo baixados livre e gratuitamente no computador ou assistidos on-line.

Para sorte de tio Nelson, sempre foi mais difícil falsificar calçados, embora muitas marcas famosas sofressem com isso, afinal, um emblema ou etiqueta podia ser copiado, já a qualidade do produto... Em paralelo, isso podia ser positivo para os sapateiros. Reparar calçados genuínos ou falsificados dava no mesmo e as sapatarias sobreviviam como podiam. Era como os livros, principalmente os didáticos, também difíceis de serem copiados em escolas, bibliotecas e universidades. Mas, para quem decidia seguir uma carreira profissional, não tinha como se contentar com cópias em folhas soltas ou em encadernações grosseiras. Em vista disso, editoras e livrarias funcionam até hoje, mesmo com diversos livros digitais disponíveis, porque para muitos é difícil a leitura de textos longos numa tela.

O papel para o livro é como o couro para o calçado, difícil de ser substituído.